

**A (des)construção do sujeito: a arqueologia da personagem em
Deuses Americanos, de Neil Gaiman**

**The (di)construction of the subject: the archeology of the
character in *American Gods*, by Neil Gaiman**

Ilse Maria da Rosa Vivian¹
Guilherme Buzatto²

Resumo: *American Gods*, é um romance de Neil Gaiman, autor britânico, reconhecido mundialmente pela autoria de HQs e de roteiros para o cinema e para a televisão. Dentre outras produções, Gaiman escreveu o roteiro de dois episódios da série Doctor Who: "The Doctor's Wife" foi transmitido em 2011 durante a sexta temporada da série, e "Nightmare in Silver" foi transmitido em 2013 na sétima temporada. Autor do famoso Sandman, que consiste numa série de HQs que tem como protagonista a personificação do Sonho ou de Morpheus, Gaiman é produtor de obras que transitam pelas vertentes da mitologia antiga e moderna. É o caso de Deus Americanos, cuja saga é vivida pelo misterioso e emblemático protagonista Shadow, um ex-condenado, recém liberto da prisão. Sem noção de sua real identidade, inicia uma série de viagens pelas diversas paisagens americanas, cuja motivação é a busca por aliados para uma guerra que está prestes a acontecer entre deuses antigos e modernos. Ao viver a desventura do mundo contemporâneo, Shadow vai se tornando uma figura complexa: em devir, busca compor-se em meio às fatalidades dos embates de forças opostas, as quais representam o antigo e o novo, o espiritual e o mundano, a sacralidade e a tecnologia. Esses elementos são pano de fundo dos eventos que norteiam (ou que desnorteiam) a narrativa. O choque entre opostos atinge o ápice com o nascimento da pós-modernidade. As relações entre o "eu" e o "outro", a representação e o comportamento das divindades compõem a imagem do "si mesmo" percebida por Shadow. Sob essa perspectiva, *American Gods* versa sobre o trânsito em que se encontra o sujeito que busca reconhecer, mais do que a si próprio, os sentidos da existência e a natureza da realidade que contempla da margem. Objetiva-se, a partir da análise da narrativa, verificar a imagem do homem que se

¹ Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Professora do Mestrado em Letras – Literatura Comparada e do Curso de Letras da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI. E-mail: ilsevivian@hotmail.com

² Mestrando em Letras – Literatura Comparada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI. E-mail: guibuzatto@gmail.com

compõe pelo panorama simbólico dos entre-lugares que temporalizam a personagem, os quais, ao confrontar passado e futuro, possibilitam repensar a (des)arqueologia do sujeito.

Palavras-chave: Ficção. Personagem. (Des)construção do sujeito. *Deuses Americanos*. Neil Gaiman.

Isso não é uma alegoria. Há uma luta muito obscura travada entre toda narrativa e o encontro com as Sereias, aquele canto enigmático que é poderoso graças a seu defeito. Luta na qual a prudência de Ulisses, o que há nele de verdade humana, de mistificação, de aptidão obstinada a não jogar o jogo dos deuses, foi sempre utilizada e aperfeiçoada. O que chamamos de romance nasceu dessa luta.
Maurice Blanchot, *O livro por vir*, (2005).

1. Neil Gaiman

Parece fazer sentido que uma análise que tem como escopo o homem pós-moderno e sua relação com o tempo e o espaço parta da figura de alguém como Neil Gaiman, autor de *Deuses Americanos* e criador do protagonista Shadow, sobre os quais este trabalho se deterá de maneira mais aprofundada. Ao tratar das leis da narrativa, o fragmento da epígrafe acima faz referência à viagem de Ulisses e ao seu completo desconhecimento dos trajetos possíveis, o que eleva ao primeiro plano de suas aventuras a vivência do percurso, de modo que, na *Odisséia*, conforme Blanchot (2005, p. 6-7),

a palavra de ordem que se impõe aos navegantes é esta: que seja excluída toda alusão a um objetivo e a um destino. Com toda razão, certamente. Ninguém pode pôr-se a caminho com a intenção deliberada de atingir a ilha de Capréia, ninguém pode rumar para essa ilha, e aquele que decidisse fazê-lo só chegaria ali por acaso, um acaso ao qual estaria ligado por um acordo difícil de entender. A palavra de ordem é, portanto: silêncio, discrição, esquecimento.

Tal como Ulisses, Shadow está à deriva e, assim como afirma Blanchot sobre Ulisses, o protagonista de *Deuses Americanos* apresenta uma “aptidão obstinada a não jogar o jogo dos deuses”. Imergir na história de Shadow significa percorrer caminhos inseguros e obscuros, concebendo a inexistência do ponto de partida ou do lugar de chegada, embora o leitor navegue consciente de que há um lugar no qual seguramente se vai aportar. A verdade

humana que se extrai da narrativa consiste, portanto, na vivência do percurso. Nesse sentido, assume-se, aqui, a proposta de leitura da narrativa de *Deuses Americanos*, o que, tal como afirma Blanchot, difere de uma interpretação do romance:

Eis por que, com tanta insistência, ela rejeita tudo o que poderia aproximá-la da frivolidade de uma ficção (o romance, pelo contrário, que só diz o crível e o familiar, faz questão de passar por fictício). Entretanto, o caráter da narrativa não é percebido quando nele se vê o relato verdadeiro de um acontecimento excepcional, que ocorreu e que alguém tenta contar. A narrativa não é o relato do acontecimento, mas o próprio acontecimento, o acesso a esse acontecimento, o lugar aonde ele é chamado para acontecer, acontecimento ainda porvir e cujo poder de atração permite que a narrativa possa esperar, também ela, realizar-se. (BLANCHOT, 2005, p.8)

Diversos os percursos de Shadow e também peculiares os de Gaiman. De forma muito adequada à época em que vive, a trajetória de Neil Gaiman é bastante singular, de tal modo que caracterizá-lo como um escritor é dizer pouco sobre ele e reduzir sua imagem. É claro, todos os seus projetos envolvem o exercício da escrita, atividade à qual se dedica integralmente e que constitui com exclusividade sua profissão, mas não seria o suficiente para se compreender a dimensão do alcance de seu trabalho.

Antes de tudo, Gaiman é um grande leitor, tendo se tornado capaz de ler desde a tenra idade de quatro anos. Segundo ele próprio,

I was a reader. I loved reading. Reading things gave me pleasure. I was very good at most subjects in school, not because I had any particular aptitude in them, but because normally on the first day of school they'd hand out schoolbooks, and I'd read them—which would mean that I'd know what was coming up, because I'd read it.³ (ABBEY, 2010, p. 66)

Foi através dessa exposição precoce à leitura que o hoje renomado escritor Gaiman descobriu em si a aspiração para perseguir sua atual profissão, sobretudo pelo contato com os verdadeiros universos cujo adentramento é possibilitado através das páginas de livros de grandes escritores como Tolkien e C.S. Lewis, os quais Gaiman cita como os responsáveis

³ Eu era um leitor. Eu amava ler. Ler coisas me dava prazer. Eu era muito bom na maioria das matérias na escola, não porque eu tinha qualquer aptidão particular para elas, mas porque normalmente no primeiro dia de aula entregariam livros didáticos, e eu os leria - o que significa que eu sabia o que estava por vir, porque eu teria lido. [Tradução nossa]

pelo florescimento da sua vontade de imaginar e dar forma, através da escrita, aos seus mundos próprios, às suas próprias histórias (GAIMAN, 2004).

E foi assim que Gaiman deu início à sua carreira: escrevendo sobre aquilo que lhe interessava, sem pontos de partidas e sem vislumbrar pontos de chegada, até mesmo imitando, de certa forma, seus autores favoritos. Ele afirma que, ao reler os livros favoritos da sua infância para seus filhos, deu-se conta do quanto tinha tomado emprestado deles em seus escritos, como o ritmo ou até mesmo algumas frases, tal era a forma que essas obras haviam se entranhado nele. No entanto, para ele, o que diferencia cada autor é que cada pessoa, e somente elas mesmas, podem contar *suas* próprias histórias, mesmo que para isso tenham que usar uma outra voz até encontrar a sua, conforme é possível entender na afirmação que segue:

Tell your story. Don't try and tell the stories that other people can tell. Because [as a] starting writer, you always start out with other people's voices — you've been reading other people for years... But, as quickly as you can, start telling the stories that only you can tell — because there will always be better writers than you, there will always be smarter writers than you ... but you are the only you⁴. (GAIMAN, 2017, Episode 106).

A leitura e o conhecimento foram determinantes para que Gaiman viesse a dar forma a seus universos particulares, tão originais, estranhos e diversos, e fazendo uso de tantas das mais variadas plataformas disponíveis, como os quadrinhos (*The Sandman*, *Death*), filmes e séries de televisão (*Neverwhere*), além de formas mais tradicionais, como contos e romances, pertencendo a este último gênero um de seus mais destacados trabalhos, *Deuses Americanos*.

Portanto, trata-se aqui de um autor prolífico, que transita entre gêneros, utilizando-se dos hibridismos de linguagem. Nesse sentido, torna-se fácil deduzir o quão amplo é o espectro de influências e intertextos possíveis de serem verificados em sua obra, a partir da observação acerca da propriedade com a qual Gaiman é capaz de transitar e se mover por entre diferentes formas, visto o conhecimento necessário, com relação às variadas áreas, para que seja possível dar vida a uma narrativa convincente e verossímil. É o que o próprio autor expressa ao falar sobre J.R.R. Tolkien:

⁴ Conte a sua história. Não tente contar histórias que outras pessoas poderiam contar. Porque como um escritor iniciante, você sempre começa com vozes de outras pessoas - você tem lido outras pessoas por anos... Mas, tão rápido quanto possível, comece a contar histórias que só você pode contar - pois sempre haverá escritores melhores que você, escritores mais espertos que você... Mas só você é você. [Tradução nossa]

If you like fantasy and you want to be the next Tolkien, don't read big Tolkienesque fantasies — Tolkien didn't read big Tolkienesque fantasies, he read books on Finnish philology. Go and read outside of your comfort zone, go and learn stuff⁵. (GAIMAN, 2017, Episode 106)

Em suma, é possível observar que o olhar de Gaiman, escritor britânico, enuncia-se do universo pós-moderno, cuja visão artística é produto direto de um tempo em que se vive os hibridismos culturais, a fragmentariedade e a transitoriedade, características estas encarnadas na figura de Shadow, personagem principal de *Deuses Americanos*.

2. *Deuses Americanos*

A complexidade da figura de Neil Gaiman transparece na construção de suas obras. *Deuses Americanos* foi publicado no ano de 2001. Durante o período em que escrevia o romance, Gaiman viajou por vários lugares diferentes dentro do território dos Estados Unidos, país que agora tinha se tornado sua nova casa. “Escrevi meu livro em muitos lugares – casas na Flórida, uma cabana em um lago do Wisconsin, um quarto de hotel em Las Vegas” (GAIMAN, 2016, p. 8), diz ele na introdução de sua edição preferida, lançada anos mais tarde.

Utilizando-se, assim, tanto das paisagens pelas quais passava quanto de cenários imaginados, o autor desenvolve uma narrativa que perpassa diversos gêneros, como bem demonstram alguns dos prêmios com os quais a obra foi contemplada: Nebula e Hugo (principalmente como ficção científica), Locus (como fantasia) e Bram Stoker (como horror), para citar alguns.

Em *Deuses Americanos*, contempla-se uma paisagem inóspita de uma auto-proclamada América que está à beira de uma verdadeira guerra. Mas, neste caso, não se trata dos conflitos internacionais tão comuns na história dos Estados Unidos em sua relação com os outros países do globo, mas sim de uma guerra mais ampla, não-declarada de início, sentida por todos como uma tensão que paira no ar. Da perspectiva adotada pela narrativa, vê-se transformar o amplo cenário da viagem em um espaço movente, que se contrai perante os obstáculos encontrados pelo protagonista. Conforme Blanchot, o movimento de narrar altera o

⁵ Se você gosta de fantasia e quer ser o próximo Tolkien, não leia grandes fantasias Tolkienescas. Tolkien não lia grandes fantasias Tolkienescas, ele lia livros sobre filologia finlandesa. Vá e leia fora de sua zona de conforto, vá e aprenda coisas. [Tradução nossa]

tempo, mantendo-o como espaço que quanto mais se percorre menos nítidas são suas fronteiras:

é o próprio tempo da metamorfose), imaginário, canto enigmático que está sempre à distância e que designa essa distância como um espaço a ser percorrido, e o lugar aonde ele conduz como o ponto onde cantar deixará de ser um logro. A narrativa quer percorrer esse espaço, e o que a move é a transformação exigida pela plenitude vazia desse espaço, transformação que, exercendo-se em todas as direções, decerto transforma profundamente aquele que escreve, mas transforma na mesma medida a própria narrativa e tudo o que está em jogo na narrativa em que, num certo sentido, nada aconteça, exceto essa própria passagem. (BLANCHOT, 2005, 11-12)

Desde o início, quando Shadow ainda se encontra encarcerado, o prenúncio de uma tempestade marca o suspense da trama, e a promessa desta tempestade continua a ameaçar durante quase toda a narrativa sem que ela de fato desabe, senão muito mais adiante. No entanto, é o clima pesado, causado por essa sensação de que algo terrível está para acontecer que move as peças do jogo.

O que está em questão é uma guerra entre divindades, antigas e novas. Os deuses antigos, que chegaram às terras americanas trazidos pelas crenças daqueles que deixaram seus países de origem, contra os deuses nascidos e criados em solo americano, frutos da cultura norte-americana. Debatem-se, portanto, seres tão diferentes quanto Odin e a Mídia, num conflito de influência que poderá levar a parte derrotada ao esquecimento e à obsolescência.

É uma característica de Gaiman trabalhar com mitologias e seus seres em suas obras. Muitas das personagens que habitam os Estados Unidos de *Deuses Americanos* já haviam figurado em outros trabalhos do autor, como a série em quadrinhos *The Sandman*. Porém, aqui, eles aparecem com uma nova roupagem, camuflados em meio à multidão, agindo quase que como pessoas normais levando suas vidas diárias. Vestem-se com roupas comuns, são obrigados a arranjar as próprias maneiras de ganhar dinheiro para sua subsistência. Deuses egípcios têm uma funerária como negócio, por exemplo. A premissa é que as divindades só continuam a viver e a existir através do culto e da crença, os quais vão minguando em relação aos deuses mais antigos à medida em que se passa a reverenciar a Tecnologia, a Mídia, dentre outras “divindades” que surgiram e ganharam força ao longo do século XX. Resta aos deuses antigos, portanto, angariar forças, reunir aliados, unirem-se para que os novos deuses não dominem tudo, levando-os à extinção.

Assim, o leitor é conduzido numa viagem pelo território norte-americano, aos passos de Shadow, alguém recém saído da prisão e recrutado pelo Sr. Wednesday como uma espécie de faz-tudo, servindo principalmente de motorista e guarda-costas. Shadow acompanha Wednesday enquanto este se encontra com possíveis aliados sem entender o que está acontecendo, apenas pressentindo algo de estranho nas pessoas com quem estabelece contato. Este é outro aspecto que vem a se somar com os vários elementos que tornam o romance algo único: a narrativa assume ares de *road novel* enquanto as personagens pegam a estrada e adentram as mais variadas paisagens e cidades, sobretudo pequenas. Nas palavras de Gaiman:

Terminei o primeiro capítulo durante uma viagem de trem de Chicago a San Diego. E continuei viajando, e continuei escrevendo. Dirigi de Minneapolis à Flórida por estradas secundárias, percorrendo caminhos que imaginei que Shadow faria no livro. Eu escrevia e, às vezes, quando empacava, pegava a estrada. Comi pasties na Península Superior do Michigan e hushpuppies em Cairo, Illinois. Tentei ao máximo não escrever sobre nenhum lugar pelo qual eu não tivesse passado (GAIMAN, 2016, p. 7)

Desta forma, a “América” que se vê em *Deuses Americanos* não é exatamente aquela que já está provavelmente impregnada no imaginário do público leitor, a América retratada principalmente por Hollywood e suas megaproduções cinematográficas. O autor ilumina pontos menos privilegiados e desconhecidos do território americano, o que torna a “viagem” mais instigante:

Eu queria que o livro fosse uma série de coisas. Queria escrever uma história que fosse grandiosa, excêntrica e sinuosa, e escrevi, e ela era. Queria escrever uma história que incluísse todas as partes dos Estados Unidos pelas quais eu estava obcecado e encantado, que costumavam ser os pedaços que nunca apareciam nos filmes e nas séries de tevê (GAIMAN, 2016, p. 8).

Deuses Americanos é uma série de coisas, uma obra cuja natureza não é possível identificar como pertencente a um gênero específico, mas que trabalha com entrelaçamento de elementos históricos e ficcionais, concretos e surreais, simbólicos e mitológicos; uma obra portanto, como seu autor e sua personagem principal, que se faz à deriva, como descrito pelo próprio Shadow, quando fala de si mesmo.

3. A (des)construção de Shadow

É possível que ao iniciar a leitura de um livro chamado *Deuses Americanos* o leitor sinta um certo estranhamento ao se deparar com a figura de Shadow, um presidiário que cumpre pena há três anos por conta de um roubo, que anseia por voltar a viver uma vida normal ao lado de sua esposa Laura e retomar o seu emprego na academia de seu melhor amigo, Robbie. Isto porque é normal que se espere que uma história com um título tão imponente seja protagonizada por alguém de igual imponência. Nesse sentido, pode-se pensar na figura do protagonista como um *dispositivo*, na acepção de Foucault:

Aquilo que procuro individualizar com este nome é, antes de tudo, um conjunto absolutamente heterogêneo que implica discursos, instituições, estruturas arquitetônicas [...] compreendo uma espécie – por assim dizer – de formação que num certo momento histórico teve como função essencial responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função eminentemente estratégica [...] que se trata, como consequência, de uma certa manipulação de relações de força, seja para orientá-las em certa direção, seja para bloqueá-las ou para fixá-las e utilizá-las. O dispositivo está sempre inscrito num jogo de poder e, ao mesmo tempo, sempre ligado aos limites do saber, que derivam desse e, na mesma medida, condicionam-no. (FOUCAULT, 2015, p.299-300)

Shadow constitui-se como um dispositivo na medida em que se encontra nas fronteiras das relações de poder. Entretanto, torna-se uma figura emblemática, pois ao mesmo tempo em que faz parte de um jogo que se cria por opostos, isenta-se dele, quando não se identifica com as demais partes: nem pertence à categoria dos homens, nem pertence à categoria dos deuses. De acordo com Agamben, as engrenagens sociais contemporâneas produzem dispositivos e estes por meio de suas próprias relações determinam o distanciamento entre homem e mundo, o que faz com que o sujeito não se reconheça e não reconheça o mundo:

O fato é que, segundo toda evidência, os dispositivos não são um acidente em que os homens caíram por acaso, mas têm a sua raiz no mesmo processo de “hominização” que tornou “humanos” os animais que classificamos sob a rubrica homo sapiens. O evento que produziu o humano constitui, com efeito, para o vivente algo como uma cisão que reproduz de algum modo a cisão que a oikonomia havia introduzido em Deus entre ser e ação. Esta cisão separa o vivente de si mesmo e da relação imediata com o seu ambiente [...] (AGAMBEN, 2009, p. 43).

A referência aos deuses no título da obra e a própria indicação da autoria de Gaiman, reconhecido por uma série em quadrinhos na qual figuram como personagens personificações do Sonho, da Morte, do Destino, que é frequentemente tido como um autor do gênero da fantasia, levam o leitor a não esperar nada menos que a presença de um herói dotado de grande virtude que deva cumprir um destino grandioso, um papel na resolução de um conflito que não pode ser cumprido por um mero mortal. Espera-se, portanto, que o protagonista seja alguém especial, que se destaca por alguma determinada virtude ou por poderes especiais e que represente, de alguma forma, um grupo ou instituição.

Essa expectativa é rompida. Shadow é o oposto disso: além de não apresentar nenhum dom especial, o fato de ter sido condenado por um ato ilícito demonstra que o seu caráter, apesar de não ser mau, é tão ou até mais falho que o de qualquer ser humano comum com suas necessidades e seus pequenos dramas diários. Não é alguém que prometa, ao menos de início, ser capaz de um ato heroico. Até mesmo seus anseios são bastante modestos, mesmo para um homem comum: só deseja voltar para sua cidade natal, para seu casamento, para seu emprego, sua velha vida. Nenhuma grande ambição governa sua vontade.

Ele, porém, tem seus modestos desejos frustrados de uma forma bastante brutal e traumática: ao ser liberto inesperadamente com dias e antecedência, descobre que sua esposa, o grande amor de sua vida, com quem esperava passar o resto dos seus dias sem se envolver em mais nenhuma confusão, havia morrido em um acidente de carro. Como sua pena estava já praticamente cumprida, ele pôde participar dos rituais fúnebres e não voltar mais para trás das grades. Um evento, por si só, deveras impactante. No carro também estava seu melhor amigo e antigo/futuro empregador, Robbie.

Shadow não tem para onde retornar. Não reconhece seu passado, nem seu presente e encontra-se sem futuro. Está, portanto, à deriva. Nenhum ente querido lhe espera do lado de fora. Aquelas que são suas razões para viver, as esperanças que alimentou e que foram as âncoras que tornaram possível que sua sanidade e racionalidade sobressaíssem à prisão, que permitiram que tivesse exemplar comportamento, possibilitando sua liberdade precoce, não mais estariam lá para recebê-lo. E, dentre os fatos, há o pior: o acidente ocorreu porque Laura praticava sexo oral em Robbie, enquanto este dirigia, levando-o a perder o controle do

volante. Isto lhe é revelado mais tarde pela própria esposa que lhe aparece, já morta porém de alguma forma animada, num quarto de hotel onde se hospedava.

O que esperar de um homem cuja vida é atingida por tais adversidades? Suas reações às notícias dos eventos combinam com a figura taciturna que enfrentou a prisão silenciosamente: apesar de toda a dor, nenhum acesso de raiva ou atitude precipitada. Apenas um profundo desânimo e uma ausência de perspectivas futuras. Shadow segue seu caminho procurando não pensar sobre nada, somente fazendo uma coisa de cada vez: sai da prisão, pega seus voos, para em algum lugar para comer, participa do velório da esposa, sofre com sua perda, apesar de tudo.

Em seu caminho, aparece um homem misterioso a segui-lo e querer saber mais sobre sua vida. Oferece-lhe um emprego. Este homem se apresenta como o sr. Wednesday, e é na verdade o deus nórdico supremo, Odin, mas Shadow não toma conhecimento disso. Aceita o emprego aparentemente por não ter nada melhor para fazer. O emprego não é nada especial: passa a atuar como um capanga, dirige, acompanha, presta favores, protege, às vezes investiga. Shadow só quer receber um salário e se envolver no mínimo de confusão possível. Ele quase se parece com uma personagem secundária e sem importância em uma trama que envolve o enfrentamento entre divindades, não fosse o fato de que suas ações são o foco da narrativa e, portanto, o olhar do leitor o acompanha bem de perto. Mesmo sem dar créditos, o leitor percebe que deve esperar algo dele, apesar da improbabilidade.

É possível perceber em Shadow características típicas de um sujeito contemporâneo: alguém dotado de uma complexidade de caráter, que não pode ser caracterizado simplesmente como mau ou bom pelo que se percebe das suas ações. Sua identidade é fragmentada e está em um estado evidente de trânsito, já que perdeu tudo e não tem para onde ir, além ter passado três anos em uma penitenciária, isolado do restante da sociedade. Tudo isto lhe coloca em uma posição fronteira, no entre-lugar. Um senso de desorientação e despertencimento fazem parte de sua vida.

É este homem o centro de uma história que possui como pano de fundo o embate entre forças descomunais, e o papel que assume desde o início é o de um peão, não de um líder, de um capitão. Protagonistas de romances fantásticos normalmente são designados para o cumprimento de uma tarefa, são seres escolhidos de quem todos esperam grandes feitos. Atuam à frente das linhas de batalha, mobilizam as outras personagens.

Shadow não tem um objetivo, uma vontade que o governe, não demonstra ter grandes sonhos nem querer ser alguém mais importante. Estaria satisfeito em ser empregado de uma academia para sempre, desde que Laura estivesse ao seu lado. O que o move é a sua sobrevivência, e ele se envolve quase que por acidente em uma guerra que com certeza, pelas suas proporções e motivações, mudará todo o destino da humanidade e a forma como as pessoas vivem, mesmo sem elas saberem disso, simplesmente porque tudo o que tinha desapareceu e ele teve de agarrar a primeira oportunidade que apareceu. E, ainda assim, ele não tinha a menor noção do que estava aceitando fazer parte.

À medida que o tempo passa e os eventos vão ocorrendo, a figura de Shadow vai se transformando. Ele tem sonhos estranhos, passa a perceber que há algo de diferente nas pessoas com quem vai se deparando. Ele percebe que há algo acontecendo. Sua mulher morta caminha sobre a terra e fala com ele e ele pode tocá-la. Ele vai criando uma consciência das coisas que o cercam e, no fim, ele desempenha um papel importante para o desfecho dos eventos. Ou seja, ele se torna o herói que a narrativa de si mesmo necessita. A humanidade não é salva, pois não há uma salvação. Não há “felizes para sempre”.

Mas o desastre maior não acontece, e Shadow é o responsável, pois ele percebe qual o seu papel. E seu papel é algo que descobre sozinho. No fim, Shadow se liberta da apatia e toma atitudes pela sua própria vontade, assumindo o protagonismo, não do romance, que sempre foi seu pela luz que lhe é jogada, mas do rumo das coisas. Shadow faz a diferença e o faz por conta própria.

Shadow se torna um herói, sim, de certa forma. Mas um herói não reconhecido, não condecorado. Não é o líder de um povo. Não obtém vantagens pelos seus atos heroicos. Não tem nenhum objetivo pessoal realizado. Shadow não ganha nenhuma guerra, ele apenas evita que ela ocorra e cause os estragos que uma guerra causa. Este é o seu heroísmo: evitar que haja um lado vencedor, alertar as divindades sobre o absurdo que estava por acontecer, avisá-las das intenções dos arquitetos de tal batalha.

As relações entre o “eu” e o “outro”, a representação e o comportamento das divindades compõem a imagem do “si mesmo” percebida por Shadow. Sob essa perspectiva, *Deuses Americanos* versa sobre o trânsito em que se encontra o sujeito que busca reconhecer, mais do que a si próprio, os sentidos da existência e a natureza da realidade que contempla da margem. Shadow vai se compondo pelo panorama simbólico dos entre-lugares que

temporalizam a personagem, os quais, ao confrontar passado e futuro, possibilitam repensar a (des)arqueologia do sujeito. A relação entre presente e passado e os artefatos construídos pela civilização, motivo da guerra vivida por Shadow, figuram na narrativa através de deuses primitivos e arcaicos e a modernidade funcional do mundo tecnológico. Com relação a esse embate de forças, que também se constituem como dispositivos sociais, Agamben associa a noção de contemporâneo:

Os historiadores da literatura e da arte sabem que entre o arcaico e o moderno há um compromisso secreto, e não tanto porque as formas mais arcaicas parecem exercitar sobre o presente um fascínio particular quanto porque a chave do moderno está escondida no imemorial e no pré-histórico. Assim, o mundo antigo no seu fim se volta, para se reencontrar, aos primórdios; a vanguarda, que se extraviou no tempo, segue o primitivo e o arcaico. É nesse sentido que se pode dizer que a via de acesso ao presente tem necessariamente a forma de uma arqueologia que não regride, no entanto, a um passado remoto, mas a tudo aquilo que no presente não podemos em nenhum caso viver e, restando não vivido, é incessantemente relançado para a origem, sem jamais poder alcançá-la. Já que o presente não é outra coisa senão a parte de não-vivido em todo vivido, e aquilo que impede o acesso ao presente é precisamente a massa daquilo que, por alguma razão (o seu caráter traumático, a sua extrema proximidade), neste não conseguimos viver. A atenção dirigida a esse não-vivido é a vida do contemporâneo. E ser contemporâneo significa, nesse sentido, voltar a um presente em que jamais estivemos. (AGAMBEN, 2009, p. 70).

É exatamente viver o não-vivido do presente, que é relançado do passado, o que faz de Shadow a figura do herói: ele decide fazer algo que não era uma incumbência ou algo para o qual estava sendo preparado primordialmente. A arqueologia do sujeito, nesse caso, não regride, mas se desfaz por completo: essa é a sua via de acesso ao presente. Alguns contratempos lhe colocaram em uma posição que lhe possibilitou tomar consciência do mundo. E ele poderia ter somente desempenhado suas funções, sem ultrapassá-las. Mas não é a escolha de agir que lhe confere o heroísmo, e sim o fato de ter experimentado o desconhecido, o vazio, o não-vivido e ter sobrevivido. A desarqueologia de Shadow começa quando ele passa a desconhecer e não controlar a própria vida e termina quando, experimentado o mistério do não-ser, ele cumpre o seu destino.

Abstract: *American Gods* is a novel by Neil Gaiman, a British author who currently lives in the USA, recognized all over the world by the authorship of comics and screenplays for cinema and television. Among other works, Gaiman wrote the screenplay for two of the Doctor Who series episodes: “The Doctor’s Wife” was broadcast in 2011 during the sixth season of the series, and “Nightmare in Silver” was broadcast in 2013 in the seventh season. “The Doctor’s Wife” earned the author a prize in the Best Dramatic Presentation (Short) category. Author of the famous Sandman, which is a comic book series that has as a protagonist the personification of Dream, or Morpheus, Gaiman produces works that transit through ancient and modern mythology slopes. He is, thus, an artist who presents hybridity as a language peculiarity. It’s the case of *American Gods*, which presents a saga that is lived by the mysterious and emblematic protagonist Shadow, an ex-convict who was recently set free from prison. Having no notion about his real identity, he starts going on a series of trips through the diverse American landscapes, motivated by a search for allies for a war that is about to happen between ancient and modern gods. Living the misfortune of contemporary world, Shadow starts becoming a complex figure: he tries to build himself amid the fatalities of the conflict of opposite forces, which represent the ancient and the new, the spiritual and the mundane, the sacrality and the technology. These elements are the background of events that orientate (or disorientate) the narrative. The clash between opposites hits its peak with the birth of post-modernity. The relations between the “Me” and the “Other”, the representation and the behaviour of divinities compose the image of the “self” as perceived by Shadow. Under this perspective, *American Gods* is about the transit in which is found the subject that seeks to recognise, more than itself, the meanings of existence and the nature of the reality that it contemplates from the border. The goal of the narrative analysis is to verify the image of the man that composes himself by the symbolic panorama of the in-between places that temporalize the character, which, confronting past and future, allow to rethink the (dis)archaeology of the subject.

Keywords: Fiction. Character. (dis)Archaeology of the subject. *American Gods*. Neil Gaiman.

Referências

ABBEY, Cherie D. (ed.) (2010). *Biography Today General Series*. Omnigraphics Inc. 2010, p. 66.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Col. Ditos & Escritos. V. 3. São Paulo: Ed. Forense Universitária, 2015.

GAIMAN, Neil. *Deuses americanos*. Edição preferida do autor; tradução de Leonardo Alves. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

GAIMAN, Neil. *Nerdist podcast*. Episode 106. Disponível em: <http://nerdist.com/nerdist-podcast-106-neil-gaiman>. Acesso em: 23 ago. 2017.

GAIMAN, Neil. *Mythcon 35 Guest of Honour Speech*. 2004. Disponível em: <http://journal.neilgaiman.com/2012/01/speech-i-once-gave-on-lewis-tolkien-and.html> Acesso em: 12 jul. 2017.